As bases profundas da construção do Brasil

DÁRIO MOREIRA DE CASTRO ALVES (*)

Diz Jorge Couto em sua obra *A Construção do Brasil*, publicada este ano em Lisboa, que a sociedade brasileira é o resultado de um profundo processo de miscigenação biológica e cultural que remonta ao início mesmo do contacto dos portugueses com o elemento ameríndio da terra brasileira, tendo-se revestido, na primeira fase, de um caráter exclusivamente euro-americano para depois abranger, a partir da segunda metade dos anos Quinhentos, a componente africana.

A miscigenação entre portugueses e mulheres indígenas passou a ocorrer antes mesmo do início da colonização do Brasil, que só adveio pouco mais de 30 anos após a descoberta, ou melhor, do "achamento" da terra de Vera Cruz - o primeiro nome do Brasil, pois a carta do escrivão da frota, Pêro Vaz de Caminha, é datada da "ilha de Vera Cruz", em primeiro dia de maio de 1500. Os precursores da miscigenação - que ia trazer profundas repercussões na formação dos contornos étnicos, demográficos e culturais do Brasil - foram os "lançados", os náufragos, os desertores ou os degredados, primitivos habitantes daquele Brasil *alvorecente*. A extensão do processo inter-racial para depois abranger também o elemento negro deu as bases da composição étnica do país, a que tão significativamente alude o excelente estudo de Jorge Couto e o próprio título do livro, *A Construção do Brasil*. Foi assim que o país começou a ser construído socialmente.

Exemplos primitivos dessa forma de início de "povoamento" da terra brasileira constam na própria carta do achamento do

(*) Sócio correspondente do Instituto do Ceará.

Brasil quando o escrivão diz à Sua Alteza, em duas ocasiões em sua parte final, "que ficam na terra dois degredados e com eles mais dois grumetes" que saíram da nau, num barco, fugidos para terra. São vários os relatos das primeiras décadas do século sobre a presença de degradados lusos que tiveram descendentes de uma e mais mulheres silvícolas. Foi o caso do conhecido pelo nome de *Bacharel*, e que viveu muitos anos no litoral paulista. Filhas dele e de várias mulheres vieram a casar com náufragos europeus. João Ramalho e António Rodrigues foram pioneiros da miscigenação no planalto de Piratininga (São Paulo). O primeiro, que em 1532 ajudou Martim Afonso de Sousa a fundar S. Vicente, a primeira vila do Brasil, casou com Bartira, filha do morubixaba (cacique) Tibiriçá. Uma outra descendente de Tibiriçá casou com o português de nome Pêro Dias, antigo irmão jesuíta que obteve dispensa dos votos de celibato. Essas ligações entre portugueses e mulheres indígenas - afirma Jorge Couto - estão na origem de alguns dos mais importantes troncos paulistas. Na São Paulo de nossos dias, em homenagem ao par luso-tupi, as ruas João Ramalho e Bartira são vizinhas e paralelas, num bairro residencial na região oeste da cidade.

Diogo Alvares, o Caramuru, náufrago português (nascido em Viana do Castelo?) aparecido nas costas da Bahia, em 1510, foi recolhido pelos silvícolas aos quais maravilhou com um tiro de espingarda, devendo-se sua alcunha ao nome de um grande peixe do mar. Teve larga prole de sua relação com a índia Paraguaçu, que pelo baptismo veio a chamar-se Catarina Alvares. Suas filhas casaram com europeus de posição, designadamente Paulo Dias Adorno, Custódio Rodrigues Correia, João Figueiredo. Três dos seus filhos (Gaspar, Gabriel e Jorge Alvares) foram armados cavaleiros por Tomé de Sousa, o primeiro Governador Geral do Brasil (1549-1553). As primeiras famílias baianas também resultam - assinala-o Jorge Couto - da miscigenação entre lusitanos e indígenas.

Em Pernambuco um exemplo conspícuo foi dado por Jerónimo de Albuquerque, cunhado do donatário da capitania, Duarte Coelho, que se relacionou com a filha do chefe indígena Arcoverde, depois do baptismo Maria do Espírito Santo Arcoverde, bem como com outras silvícolas com as quais teve larga descendência, o que lhe valeu o epíteto de "Adão pernambucano". Uma de suas filhas,

Catarina de Albuquerque, casou com o florentino Filipe Cavalcanti, tronco da família pernambucana homônima. Os descendentes de portugueses e índias eram designados por *mameluco* (pelo tom cobreado da pele se pareciam com os mamelucos do Egipto), sendo os filhos de índios com mamelucas (mestiços de segunda geração) conhecidos por *curiboca*. Com a vinda de africanos, surgiram quatro categorias étnicas: o *mulato*, mestiço de branco com negra; o *pardo*, filho de pai branco e mãe mulata; o *cafuso*, filho de negro e índia; o *cabra*, filho de negro e mulata. Os descendentes de pai e mãe europeus eram cognominados de *mazombos* e os nascidos no Brasil de pai e mãe negros eram os *crioulos*.

O livro de Jorge Couto cobre o espectro amplo do conjunto dos factos que marcaram a construção do Brasil no primeiro século de seu existir português. Tudo lá está nessa obra, que já chegou à Espanha em tradução castelhana: a proto-história étnica, o achamento, o Tratado de Tordesilhas e o significado do alargamento do meridiano luso-castelhano de partilha do Atlântico, a viagem de Duarte Pacheco Pereira ao Continente americano antes de Alvares Cabral, como descrita em 1505-7 na obra *Esmeraldo de Situ Orbis*, a integração da nova terra no contexto do Império, o início em 1549 do Governo Geral do Brasil, a França Antárctica, a disputa estrangeira pela terra brasileira, a fundação do primeiro núcleo colonizador no litoral paulista, a Bahia, o Rio de Janeiro, a economia e a cultura canavieira, a escravidão, a missionação religiosa, os cronistas que à época escreveram sobre o Brasil, e tantos e tantos mais temas sobre a construção do que vem a ser a maior realização dos portugueses fora de suas fronteiras: o Brasil. Obra de leitura indispensável para interessados em história e leitores em geral.

(*) Embaixador brasileiro reformado, residente em Lisboa, Presidente do Conselho de Curadores da Fundação Luso-Brasileira para o desenvolvimento do Mundo de Língua Portuguêsa e Sócio correspondente do Instituto do Ceará.